



O QUE É O "SOCIAL-FASCISMO"?

Antes de mais será de interesse referir que quem se dedica a caluniar o nosso Partido de "social-fascista" são os serventuários mais descarados da reacção.

É certo que certos grupos políticos que fazem verdadeiramente o jogo da direita ou que se aliam constantemente com a social-democracia, vestem, por meio de algumas frases, uma roupagem de esquerda. Mas a sua actuação concreta tem-nos desmascarado de tal forma que hoje é difícil apelidá-los mesmo de formações políticas esquerdistas.

Pode parecer estranho que sejam exactamente aqueles que mais se têm destacado numa actividade verdadeiramente contra-revolucionária, que mais têm afirmado constantemente que o perigo não é do fascismo mas do comunismo, que mais têm, no fim de contas, possibilitado e facilitado o avanço reaccionário e a ameaça fascista, pode parecer estranho, dizíamos, que sejam exactamente esses que apelidam os comunistas de "social-fascistas".

Mas não é a primeira nem será a última vez que certas forças políticas recorrem ao bem conhecido estratagema que o ladrão utiliza quando corre gritando: agarra que é ladrão.

É utilizando tal estratagema, tentando ludibriar quem os ouve, que podemos ver elementos do MRPP, do PC de P(m-l) e da AOC, ou os elementos mais reaccionários do PS, do PPD e do CDS a empregarem a expressão de "social-fascista" contra o nosso Partido.

Para melhor esclarecer o que dizemos importa uma breve indicação sobre a origem do qualificativo "social-fascista".

A riquíssima experiência recolhida pelo proletariado internacional e pelos seus destacamentos políticos, os partidos comunistas e operários, leva, no terreno da luta de classes, à caracterização das posições adversas na base das raízes sociais que a essas posições dão origem. Donde, no plano da luta de ideias e da linguagem polémica, expressões como "social-reformismo", "social-chauvinismo" (patrioteirismo), "social-fascismo" e, até, "social-traição".

Quem designava, como se generalizou e qual o genuíno sentido político da expressão "social-fascismo"?

Designava, nos anos que precederam a tomada do poder pelos nazis, na Alemanha, um partido que fora um partido operário, mas cujo apodrecimento social e político vinha de longe; um partido cuja composição de classe, marcada desde o início pela contradição entre reformismo burguês e as tendências revolucionárias, se alterou profundamente com o avanço do capitalismo alemão e europeu para o estágio superior, imperialista, do seu desenvolvimento. Trata-se do Partido social-democrata alemão, onde, desde fins do séc. XIX, se vinham instalando sólidas tradições de revisionismo e de oportunismo de direita.

A acusação de "social-fascismo" generalizou-se pelo fim dos anos 20 e começo da década de 30 entre largos sectores do proletariado alemão e, em certa medida, no âmbito

to da III Internacional. Isso, quando a actividade prática, a linha política e ideológica da social-democracia alemã se saldavam, indiscutivelmente, pela cedência sem luta à chantagem hitleriana no assalto ao poder e pela fiel colaboração com a burguesia imperialista alemã.

Em fase histórica excepcionalmente grave para o próprio povo alemão e para os povos do mundo; nas condições de extrema dureza que caracterizaram a luta entre o proletariado e o seu inimigo de classe nesse período, a social-democracia alemã não só depôs armas sem combate; foi mais longe, passou-se em boa parte para o campo do capital financeiro, dos monopólios, da colaboração tácita ou aberta com o fascismo. "Melhores defensores da burguesia que os próprios burgueses" — tal era, entre as acusações do movimento operário alemão contra a maioria dos dirigentes sociais-democratas, a menos dura, de certo modo, mas já bem significativa por si só.

Homens como Otto Braun e Severing, governantes sociais-democratas do "Land" da Prússia, favoráveis, por 1930, à entrada de Hitler num Governo nacional de coligação — "à experiência"! — eram os mesmos que, por toda a Alemanha, se esforçavam na difusão da palavra de ordem: "Não há um perigo nazi. Há sim um perigo comunista". A 25 de Abril de 1932, o "Vorwärts" órgão oficial da social-democracia alemã, com tranquila cegueira, insistia ainda: "Pondo de lado as considerações propriamente jurídicas, deixar os nazis chegar ao poder é talvez um imperativo de inteligência política".

Repetidamente o Partido Comunista Alemão e outras forças progressistas alertaram contra esta tática de capitulação. Entre tantas outras, a voz do secretário-geral daquele Partido, Ernest Thaelmann advertia: "Não há maior nem mais vergonhosa burla para com as massas trabalhadoras do que vir-lhes dizer que os fascistas se hão-de "gastar" no poder e para isso basta deixá-los governar".

Do trágico exemplo alemão retira-se a lição de quem foram os "sociais-fascistas": muitos dos sociais-democratas dos anos 30, que abriram as portas à pior reacção, ao fascismo, que aceitaram a sua colaboração, que se voltaram para a direita e repeliram a esquerda, que condenavam os comunistas e os apresentavam como o verdadeiro perigo.

Papaguear hoje situações dramáticas de grandes lutas passadas, inverter-lhes o sentido revolucionário para com elas fazer provocações e obscurantismo, gritar a bel-prazer "slogans" falsificados, que de lama só cobrem quem deles se serve — tudo isso é cegueira política, anticomunismo, mísera comédia.



(Extraído de "O MILITANTE" de Dezembro/75)

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ABM